

Cultural

N.º 3 — NOV/93



5

EDITORIAL
Odete Graça

6

FESTIVAL DOS "SETE MARES"
Odete Graça

10

PEGADAS DE DINOSSÁURIOS NO
CONCELHO DE SESIMBRA
António Marcos Galopim de Carvalho
e Vanda F. Santos

15

PRIMEIRA CAMPANHA DE
ESCAVAÇÕES REALIZADA NA
LAPA DA FURADA (Sesimbra)
João Luís Cardoso

18

CERÂMICAS MEDIEVAIS DO
CASTELO DE SESIMBRA (II Parte)
António Rafael Carvalho

23

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE
SESIMBRA:
"HABILITAÇÕES DE GENESE"
Jorge Afonso Silva Paulo



28

OS FARÓIS DE SESIMBRA
José António Mota Teixeira de Aguiar

31

PRENDAS REAIS
António Reis Marques

34

OS "APÁRA-LÁPIS" DO AQUÁRIO
VASCO DA GAMA
Fátima Gil

37

A PESCA DA SARDINHA
Maria da Conceição Quintas

40

POESIA POPULAR
AMAR O MAR
Domingos Lopes

43

POESIA POPULAR
BAÍA SEM PERIGO
Romeu Embaixador

44

VIDA CULTURAL – SEMPRE VIVA
EM SESIMBRA
C.M. Sesimbra – Divisão Sócio-Cultural

FICHA TÉCNICA

Título:
Sesimbra Cultural
Ano 4; N.º 3, Setembro de 1993
Edição e Propriedade:
Câmara Municipal de Sesimbra
Redacção e Administração:
Largo Luís de Camões
2970 SESIMBRA
Tel. 223 38 55
Telex: 18.720 ZAMBRA P
Telefax: 223 28 62

Direcção:
Esequiel Lino e Odete Graça
Coordenação:
Luísa Carvalho e Fernanda Rodrigues
Conselho de Redacção:
Odete Graça, Luísa Carvalho,
Fernanda Rodrigues e João Pinhal
Grafismo:
João Pereira

Colaboraram neste número:
António Carvalho,
António Galopim de Carvalho,
António Reis Marques,
Domingos Lopes,
Fátima Gil,
João Luís Cardoso,
Jorge Afonso Paulo,
José António Teixeira Aguiar,
Maria da Conceição Quintas,
Odete Graça,
Romeu Embaixador e
Vanda F. Santos

Impressão
e Fotocomposição:
Corlito / Setúbal
Depósito Legal: 25393/89
I.S.S.N.: 0871-9160
Tiragem: 2000 exemplares
Periodicidade: Anual
P.V. P.: 400\$00

PRIMEIRA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES REALIZADA NA LAPA DA FURADA (Sesimbra)

João Luís Cardoso*

1 - INTRODUÇÃO

Decorreu de 3 a 8 de Setembro de 1992, a primeira campanha de escavações na Lapa da Furada (Sesimbra); para o efeito, contou-se com o apoio logístico e financeiro da Câmara Municipal de Sesimbra, sem o qual não seria possível a realização dos trabalhos.

Participaram diariamente dois elementos, colaboradores usuais do signatário. Colaboraram, ainda, na intervenção de campo, dois técnicos da Câmara Municipal de Sesimbra, o Sr. João Pinhal, da Divisão Sócio-Cultural e o fotógrafo da Divisão de Informação e Relações Públicas.

No último dia dos trabalhos, as escavações foram visitadas por responsáveis da Câmara Municipal de Sesimbra, os quais puderam apreciar "in loco" os resultados obtidos.

O interesse despertado nos órgãos de Comunicação Social local, regional e nacional encontra-se bem demonstrado pelas notícias publicadas. Além de diversas entrevistas concedidas a rádios locais, os trabalhos foram noticiados em:

- Sesimbra, Boletim Municipal, n.º 131, Julho de 1992, p. 3: "Arqueologia em Sesimbra".
- Diário de Notícias, de 6/9/92, p. 22: "Ossadas pré-históricas na serra da Azóia. Arqueólogo admite haver mais uma necrópole na região de Sesimbra".
- Correio da Manhã, de 9/9/92, p. 8 e 9: "À descoberta do Homem na serra da Arrábida".
- O Dia, de 9/9/92, p. 8: "Sesimbra - escavações arqueológicas na Lapa da Furada (Arrábida)".
- Público, de 12/9/92, p. 49 e 50: "Câmara de Sesimbra e arqueólogo da Universidade Nova em escavações na Arrábida".

2 - SITUAÇÃO E TRABALHOS REALIZADOS

A Lapa da Furada é uma cavidade natural existente no topo da encosta meridional da chamada serra da Azóia. As suas coordenadas hectométricas militares são as seguintes:

M = 109,4; P = 163,3

Embora seja de há muito referida em publicações de índole arqueológica (MONTEIRO & SERRÃO, 1959, p. 409; SERRÃO, 1973;

ZBYSZEWSKI *et al*, 1965), nunca, até ao presente, tinha sido reconhecido o seu interesse arqueológico. Com efeito, antes da intervenção de 1992, o interior da cavidade encontrava-se entulhado pelos mais diversos restos, impedindo o acesso aos materiais arqueológicos. Foi João Pinhal, elemento da Divisão Sócio-Cultural da Câmara Municipal de Sesimbra, já referido, quem, em 1989, recolheu materiais cerâmicos em área restrita do chão primitivo da gruta, que submeteu à apreciação do signatário. Tendo-se verificado a sua origem pré-histórica, e reunindo-se as condições necessárias a uma intervenção no sentido de averiguar o real interesse desta ocorrência, foi concebida e levada a cabo uma intervenção na área que forneceu os mencionados materiais, condicionando-se o seu alargamento aos resultados entretanto obtidos.

Os trabalhos iniciaram-se pela limpeza e desentulhamento da zona vestibular da cavidade. Tal zona encontrava-se, com efeito, preenchida por blocos, lixo e abundantes ossos e restos de animais atirados pela abertura, a qual constitui um pequeno algar com cerca de 4 m de profundidade. Após a remoção destes materiais, o chão da gruta, limpo e regularizado, correspondia ao substrato geológico alterado, constituído por calcários pulverulentos esbranquiçados. Verificando-se a ausência de camada arqueológica neste sector, foi tal facto aproveitado para nele se instalar a peneira, evitando-se, assim, as morosas operações de evacuação das terras para o exterior da gruta.

Tendo-se reconhecido que, à superfície, os materiais arqueológicos se encontravam no lado oposto da entrada (ver planta anexa), foi aí que se iniciaram os trabalhos. Para o efeito, estabeleceu-se uma quadrícula com 0,50 m de lado, em que cada quadrado se encontrava definido por um sistema cartesiano de referência, cuja origem se encontra indicada na planta. Desta forma, procedeu-se à escavação de uma área que, no final dos trabalhos, atingia 20 m². Os materiais foram recolhidos, em profundidade, segundo níveis artificiais de 20 cm, tendo em conta a quadrícula previamente definida.

Como se indica na planta, a cerca de 0,80 m de profundidade, na zona central da área escavada, começou a definir-se uma abertura em fenda, a qual comunica com uma outra sala situada por debaixo da explorada. Esta segunda sala, foi sumariamente observada; no solo, constituído por

terras soltas, encontraram-se, dispersos, fragmentos cerâmicos pré-históricos. Do lado Noroeste da área escavada, atingiu-se, numa faixa ocupando cerca de um terço da superfície investigada, o manto estalagmítico o qual, aflorando ao longo do limite noroeste do rectângulo, inclina uniformemente até ao limite com a fenda, a cerca de 0,80 m de profundidade.

3 - ESTRATIGRAFIA E FASES DE OCUPAÇÃO

Foram executados e registados graficamente três cortes, ao longo dos limites da área escavada, respectivamente:

- Corte I - lado nordeste, correspondendo parcialmente ao Q C1 e a todo o Q D1;
- Corte II - lado sudeste, correspondendo aos Q E1 a Q E5;
- Corte III - lado noroeste, correspondendo parcialmente ao Q B5 e aos Q C5 e Q D5.

As sequências estratigráficas observadas foram idênticas; de cima para baixo, a escavação atravessou sempre quatro camadas, a saber:

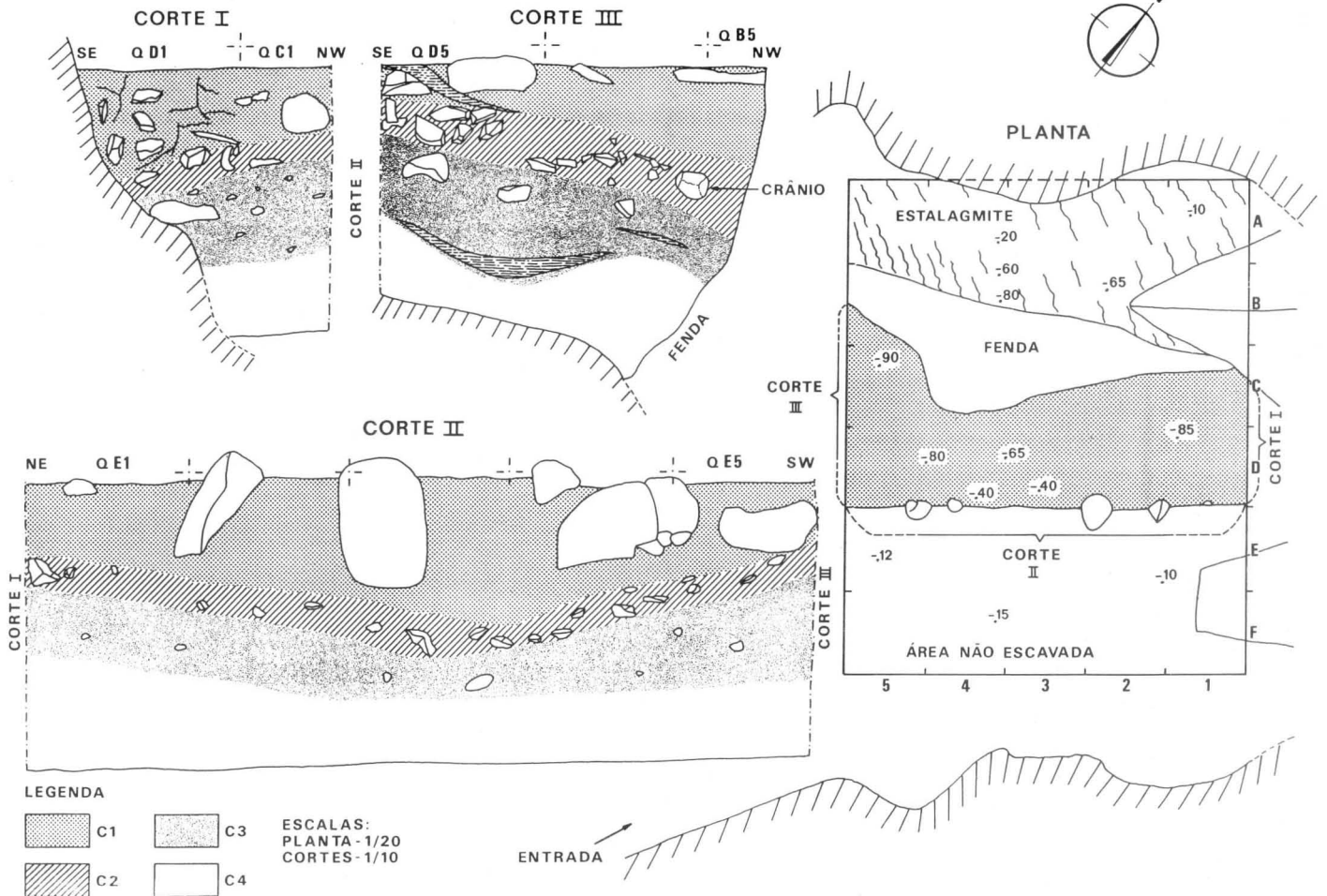
Camada 1 - camada terrosa, acastanhada, com restos de raízes, pouco compactada, com blocos calcários, por vezes de dimensões superiores a 0,30 m; cerâmicas pré-históricas, medievais e modernas dispersas em toda a espessura (máximo de 0,50 m);

Camada 2 - camada igualmente terrosa, mas de coloração castanho-avermelhada; distingue-se da anterior por este carácter, e por possuir, uniformemente distribuídos, abundantes blocos calcários, de pequenas dimensões. Ausência de materiais modernos (máximo de 0,20 m); nesta camada, concentravam-se os restos humanos, constituindo leito contínuo nos três cortes observados;

Camada 3 - camada de textura mais fina que as precedentes, de coloração amarelo-avermelhada, com escassos blocos calcários dispersos e raros restos humanos. Na parte inferior desta camada, observaram-se, no Corte III, duas finas lenticulas de coloração mais escura (máximo de 0,35 m);

Camada 4 - camada esbranquiçada pulverulenta, resultante da desagregação e alteração química dos calcários do Jurássico, que constituem o substrato geológico. Facilmente escavável, foi através-

LAPA DA FURADA / 1992



sada até cerca de 0,20 m, com o objectivo de confirmar a ausência de materiais arqueológicos.

* * *

A estratigrafia descrita, permite comprovar a existência de uma única ocupação pré-histórica da cavidade, consubstanciada por um depósito mortuário correspondente à Camada 2. Esta camada resultou, portanto, da acumulação de restos humanos uniformemente distribuídos por toda a área escavada. Desta forma, estamos perante um ossuário, depositado provavelmente de uma única vez. Os materiais osteológicos jaziam em total desordem, não evidenciando quaisquer relações anatómicas entre si; constituíam uma amálgama incoerente. Alguns ossos ostentam fracturas que parecem ser intencionais; estas encontram-se particularmente evidentes nos ossos longos.

4 - DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO ESPÓLIO RECOLHIDO

Para além do material ósseo humano o qual, como referimos, constituía o essencial da camada 2, recolheram-se restos cerâmicos, indústrias de osso e materiais líticos e metálicos, os quais possibilitam o estabelecimento de uma idade preliminar para esta ocupação.

Indústrias líticas e ósseas - recolheu-se, apenas, um objecto lítico. Trata-se de um micrólito, de

sílex cinzento, proveniente do Q B5, nível 0,20-0,40 m (Fig. 1, n.º 2); um furador sobre metápole de ovino ou caprino e uma espátula de osso, totalmente polida, munida de uma perfuração proximal (proveniente do Q D5, nível de 0,20-0,40 m (Fig. 1, n.º 3), é difícil situar culturalmente este último artefacto; poderia ser incluído tanto no Neolítico, como no Calcolítico ou, mesmo, na Idade do Bronze; quanto ao micrólito, a sua tipologia indica o Neolítico ou o Calcolítico tal como o furador; dispomos de numerosos paralelos na região estremenha para estas peças.

Indústrias cerâmicas - todos os fragmentos cerâmicos são lisos. Apenas escassos ostentam decorações plásticas, constituídas por ténues nervuras verticais (Fig. 2, n.º 2). As pastas são duras e compactas, não obstante poderem possuir e.n.p. grosseiros. O acabamento das superfícies é, em geral, cuidado, apresentando-se estas alisadas ou mesmo brunidas. As colorações das superfícies externa e interna, bem como os interiores das fracturas, denunciam ambientes de cozedura reductores; predominam os tons anegrados ou castanho-escuros. A tipologia dos recipientes é pouco variada. São abundantes os grandes vasos ("de provisões"), de paredes pouco inclinadas e lábios sem espessamento, a par de pequenas taças de fundo aplanado. No conjunto, os materiais cerâmicos constituem um todo coerente, integrável no Neolítico; esta conclusão é de grande relevância para a atribuição cronológico-cultural do depósito funerário, do qual tais cerâmicas faziam parte integrante.

Materiais metálicos - apenas um artefacto; trata-se de fragmento de um grande anzol, de cobre ou bronze, de secção aproximadamente quadrangular (Fig. 3, n.º 2), o empate é idêntico ao de exemplar recolhido na Camada 2, do Calcolítico pleno da Estremadura, do povoado de Leceia-Oeiras (CARDOSO, 1989, Fig. 108, n.º 15). Porém, esta forma manteve-se até, pelo menos, a Idade do Bronze. Foi recolhido no Q D2, no nível de 0-0,20 m. Pode considerar-se como uma intrusão mais moderna.

Restos ósseos humanos - estes materiais, embora não façam parte dos materiais arqueológicos "senso stricto" devem desde já ser valorizados pela sua importância; com efeito, a abundância - correspondente a restos de cerca de vinte indivíduos - bem como a homogeneidade do conjunto, constituem elementos preciosos para o conhecimento das características antropológicas destas populações. Para o seu estudo, torna-se indispensável a colaboração de especialista, o qual foi já convidado pelo signatário: trata-se do Prof. Dr. A. Santinho Cunha, do Instituto de Medicina Legal de Lisboa. Deve assinalar-se, a existência, como já anteriormente foi referido de peças intencionalmente fracturadas (Fig. 4), a par de outras, intactas; entre estas, avulta um crânio masculino (Fig. 5 a 7), recolhido no Q C5, no nível de 0,20-0,40 m, como, aliás, a quase totalidade do espólio osteológico (correspondendo à Camada 2, como anteriormente se referiu).

5 - CRONOLOGIA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

Do que atrás ficou dito, pode concluir-se, embora de forma que só os trabalhos que pretendemos realizar em 1993 poderão (ou não) confirmar, que o depósito funerário da Lapa da Furada se constituiu de uma só vez. Desde logo avulta a nítida desproporção existente entre o espólio arqueológico e o antropológico. Tal facto, conjuntamente com o elevado grau de fracturação patenteado pelas cerâmicas, conduz à conclusão de que os restos humanos, antes de terem sido ali depositados, sob a forma de ossuário, foram separados das oferendas a que estariam associados no depósito primário; apenas as peças cerâmicas fragmentadas, desprovidas de interesse, se conservariam do conjunto inicial. A aceitar a atribuição de tais cerâmicas ao Neolítico, o que é incontroverso, e a menos que se tenham verificado remeximentos, o ossuário seria, forçosamente, coevo; neste caso, terá interesse acrescido, atendendo às comparações possíveis com outras ocorrências homólogas daquela idade, no nosso país. Porém, tal conclusão só poderá ser confirmada após o estudo sistemático dos materiais já recolhidos e dos que vierem a recuperar-se com a realização da campanha de 1993, bem como depois de novas observações estratigráficas. Entretanto, uma amostra de carvões provenientes da Camada 2, associados ao depósito funerário, foi já enviada ao INETI - ICEN, tendo em vista a sua datação absoluta pelo método do ^{14}C , o que se afigura indispensável para confirmar a idade do depósito.

A abundância de carvões pressupõe a existência de lareiras ou fogos rituais, relacionados com as deposições funerárias, de carácter purificador e regenerador, como as documentadas em outros contextos pré-históricos.

* Arqueólogo; Professor do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa; colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

Fig. 1



Fig. 3



Fig. 5

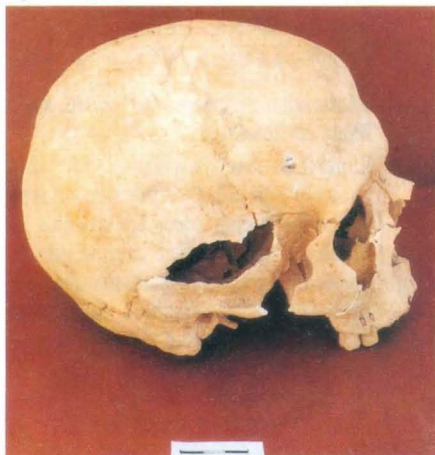


Fig. 7

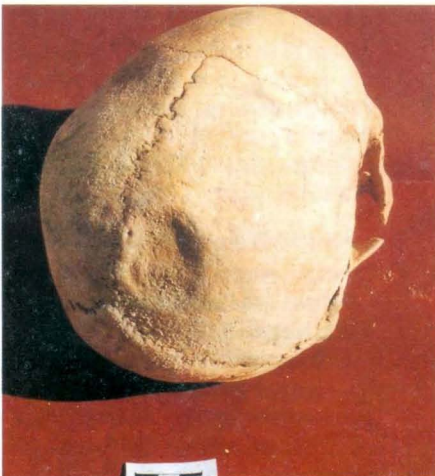


Fig. 6

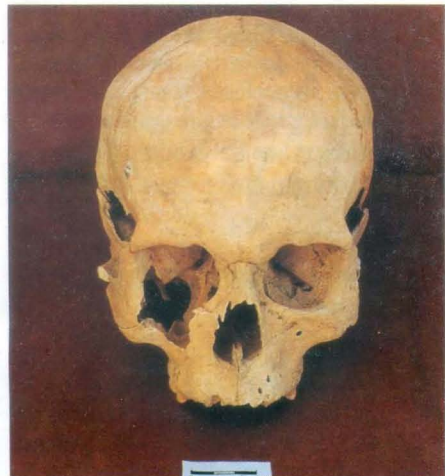


Fig. 2



Fig. 4



Bibliografia

- CARDOSO, J.L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas - 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1990) - A Lapa do Bugio (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 0: 15-34.
- CARDOSO, J.L. (1991) - Sobre os ídolos de calcário - "pinhas" - do Calcolítico da Estremadura - algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 1: 6-14.
- MONTEIRO, R & SERRÃO, E.C. (1959) - Estação Isabel - necrópole pré-histórica da Azóia. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 407-430.
- SERRÃO, E.C. (1973) - *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra*. Câmara Municipal de Sesimbra.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1965) - *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha de Setúbal*. Serviços Geológicos de Portugal.

Legendas das Figuras

- Fig. 1** - n.º 1 - Furador sobre metápode de ovino ou caprino; n.º 2, micrólito trapezoidal; n.º 3, fragmento de espátula de osso.
- Fig. 2** - n.º 1, fragmento de bordo e de bojo sem espessamento; n.º 2, fragmento de bojo de grande vaso de paredes verticais, decorado por cordões dispostos na vertical. Superfícies burradas e brilhantes. Exemplar idêntico a outras da Gruta da Forninha (Peniche).
- Fig. 3** - n.º 1, fragmento de taça de fundo aplanado n.º 2, fragmento de grande anzol de secção quadrangular, de cobre.
- Fig. 4** - Ossos longos partidos intencionalmente (?)
- Fig. 5 a 7** - Crânio humano, completo, em norma frontal (6) e lateral (5), com lesão traumática com regeneração (7).